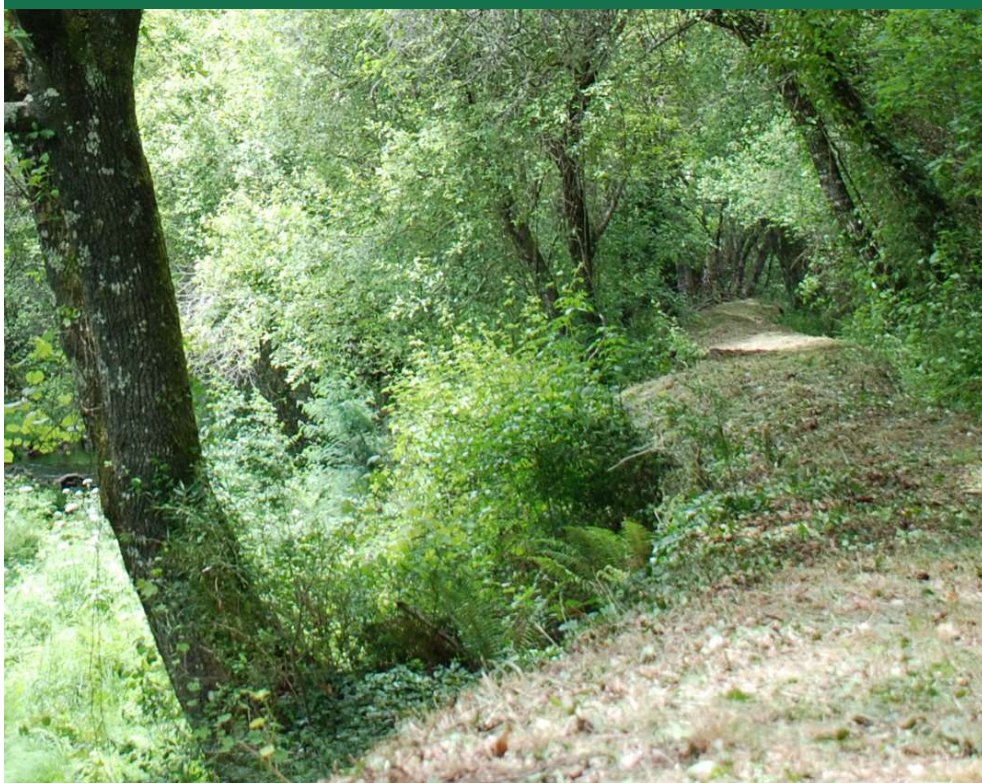




OS PERCURSOS **PEDESTRES**





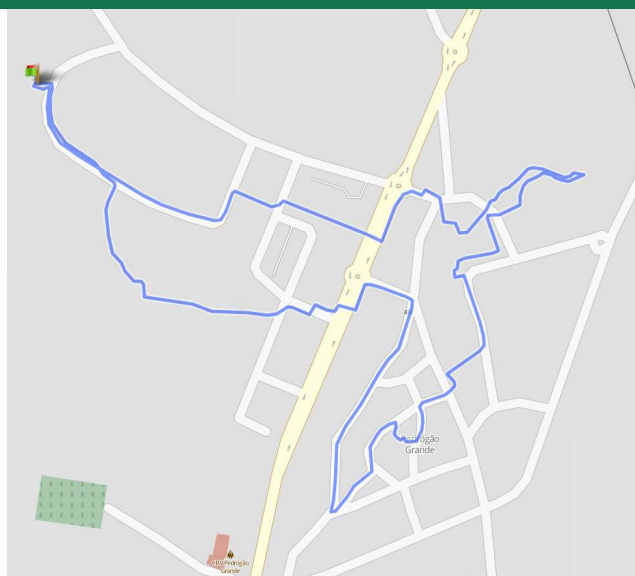
ESCOLHA O **MELHOR CAMINHO**
E PARTA **À AVENTURA**

PEDRÓGÃO **GRANDE**

POSSUI UMA REDE DE **RECURSOS PEDESTRES**
QUE PERMITE AOS SEUS VISITANTES **VIAJAR** PELA
ENDOGENIA DESTE CONCELHO,
DESCOBRINDO A MEMÓRIA E OS TESTEMUNHOS DOS
SEUS **HABITANTES**.



PR1 PGR TRILHO DO PATRIMÔNIO



PERFIL



FICHA TÉCNICA

Percurso circular com início no Centro de Interpretação Turística de Pedrogão Grande, situado na entrada norte da vila de Pedrogão Grande, na Av. Manuel Jacinto Nunes.

Este percurso, marcadamente urbano, com uma extensão de aproximadamente 3 km, tem como principal objetivo mostrar um pouco da história e do património arquitetónico da Vila de Pedrogão Grande.

Ao longo deste percurso pode contactar com vários monumentos de grande valor patrimonial e arquitetónico, como por exemplo a Igreja Matriz (Monumento Nacional), o Pelourinho e a Igreja da Misericórdia (Monumento de Interesse Público), o

Museu de Arte Sacra, a Torre do Relógio, a Casa Museu Comendador Manuel Nunes Corrêa, o Museu de Pintura do mestre Pedro Cruz, o Jardim da Devesa e a Estação Arqueológica do Calvário que assinala a passagem dos romanos por território pedroguense.

Tipo de Percurso: Circular

Partida/Chegada: Centro de Interpretação Turística (39°55'14.30"N 8° 9'26"W)

Distância a Percorrer: 3 Km

Duração do Percurso: Aproximadamente 3 horas

Grau de Dificuldade: Fácil

Desníveis: Pouco Significativos

OPERCURSO

Iniciamos o percurso no Centro de Interpretação Turística de Pedrógão Grande, antiga casa senhorial, datada de 1715, que foi adquirida pela Câmara Municipal já em ruínas e que sofreu obras de recuperação em 2007, mantendo a fachada original. Neste edifício funciona o posto de interpretação turística, equipado com modernos equipamentos interativos que permitem ao visitante conhecer a oferta do concelho de Pedrógão Grande, bem como as Aldeias do Xisto e as Praias Fluviais.

O Centro de Interpretação Turística está aberto todos os dias, de 1 de abril a 30 de setembro, encerrando aos fins-de-semana e feriados de 1 de outubro a 31 de março.



A partir daqui siga pela direita ao longo da Av. Manuel Jacinto Nunes, à esquerda encontra-se o Agrupamento de Escolas de Pedrógão Grande e, um pouco mais à frente, do lado direito, o Pavilhão Desportivo e o Parque Radical, equipado com uma parede de escalada. Siga ao longo desta avenida e ao passar a piscina municipal coberta, que se encontra à direita, atravessa a estrada para passar por um pequeno espaço relvado e com algum arvoredo situado entre dois prédios. Atravesse a estrada em direção às traseiras do terminal rodoviário e à Av. Comendadora Maria Eva Nunes Corrêa.

À direita tem um pequeno espaço verde equipado com um parque infantil e equipamentos de manutenção, caso se sinta cansado aproveite para descansar num dos bancos existentes.

Atravesse a Av. Comendadora Maria Eva Nunes Corrêa e siga em direção à rotunda, aqui vire à direita em direção ao jardim da Devesa. Do lado esquerdo encontra-se a Capela do Mártir S. Sebastião com a sua fachada principal composta por portal barroco com cunhais de granito e um frontão decorado com volutas e pináculos, coroado pela torre sineira. Siga em direção ao jardim da Devesa de encontro à Capela do Calvário e à Estação Arqueológica do Calvário/Devesa.

A capela do Calvário é detentora de uma torre sineira e de um adro escadado, com duas cruzes de granito. Este local é considerado um dos pontos de maior interesse durante as comemorações da Semana Santa, sendo aqui reproduzido, perante inúmeros fieis, a encenação da Crucificação de Cristo.

A Estação Arqueológica do Calvário/Devesa datada do século II/IV d.C. assume extraordinária importância a nível local, pois comprova a passagem dos romanos por território pedroguense. Continua a caminhada em direção à Santa Casa da Misericórdia de Pedrógão Grande para visitar o Museu de Pintura Pedro Cruz situado nas antigas cavalariças da Quinta do Mindinho.

Após a visita a este museu inverta a marcha para regressar ao Jardim da Devesa e neste seguir na direção do edifício dos Paços do Concelho, aqui siga pela Rua da Nogueira em direção da Igreja Matriz, antes do final desta rua, vire à direita para a Rua Manuel Jardim, no início desta rua pode contemplar uma ombreira Manuelina do século XVI.

Um pouco mais à frente, a seguir ao Posto dos Correios, suba a escadaria de acesso à Igreja Matriz de Pedrógão Grande, construída nos finais do século XII.

Na frente da Igreja Matriz encontra-se uma residência senhorial do século XVI/ XVII, que foi restaurada segundo a sua traça original e que atualmente é a sede do clube de futebol “Recreio Pedroguense”.

Prossiga pela Rua Padre José Ferreira em direção ao Penedo, ponto mais alto da vila e que em época não determinada, mas provavelmente anterior ao século XII, se estabeleceram os alicerces da vila de Pedrógão Grande, aqui pode apreciar o núcleo urbano primitivo e a Torre do Relógio.



Seguimos em direção à Igreja da Misericórdia e Museu da Arte Sacra, construção edificada em granito da região, classificada como monumento de interesse público, que possui um pórtico maneirista com características do século XVI.

Após visitar este monumento siga na direção da Rua 5 do Outubro para efetuar mais duas paragens, primeiro na Biblioteca Municipal, instalada numa casa senhorial do século XVIII e a outra na Casa Museu Comendador Manuel Nunes Corrêa.

O ilustre Comendador Manuel Nunes Corrêa (1909-1995) foi um dos maiores comerciantes e industriais de Portugal. Considerado pelos pedroguenses o “Homem da Solidariedade”, fundou e contribuiu financeiramente para várias instituições de solidariedade social.

Aqui na sua Casa Museu podem ser admiradas diversas obras da autoria do próprio, uma tela de João Vaz (XIX), uma tela de João Reis (1926), coleções diversas, instrumentos musicais, uma sala de Ex-libris, entre diversos objetos pertencentes à família Nunes Corrêa.



Avance em direção ao Largo do Encontro, assim designado por ser o local de encontro das procissões que ocorrem durante a semana santa e vire à esquerda para visitar o Arquivo Histórico e ter contacto com manuscritos desde 1540, postais antigos, fotografias e diversos documentos históricos.

Siga na direção da Casa Municipal da Cultura aqui pode consultar o programa cultura disponível para o concelho de Pedrógão Grande.

Atravesse o largo do Mercado Municipal em direção à fonte de baixo, faça uma pausa, aproveite para descansar e repor energias, aqui tem à disposição uma churrasqueira e mesas de merendas protegidas por um telheiro que o abrigarão da chuva nas estações mais frias ou sombra na estação mais quente.

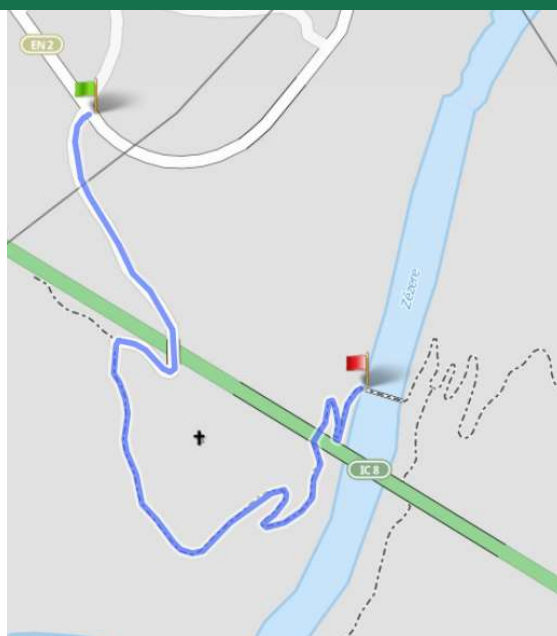
Siga em direção ao pavilhão desportivo e retome o caminho inicial em direção ao Centro de Interpretação Turística.





PR2 PGR TRILHO DOS ROMANOS

CAMINHO DA ESCALA (BIRDWATCHING)



PERFIL



FICHA TÉCNICA

Desde os tempos ancestrais que o caminho do Cabril foi calcorreado pelos mais diversos povos. Por aqui passou o Homem Pré-histórico, os Romanos e provavelmente os Árabes.

Este percurso de pequena rota, com cerca de 24km de extensão é um percurso panorâmico que permite contactar com valores históricos e naturais, tendo também um cariz meramente desportivo devido aos seus acentuados declives.

Este trilho apresenta duas derivações: uma delas coincide com o troço da GRZ 33, em direção ao Penedo Granada e, outra denominada

por trilho da escala, esta privilegia os amantes do birdwatching.

Tipo de Percurso: Linear

Partida: EN2 Cruzamento para Senhora dos Milagres
(39°54'33.20"N 8° 8'41.13"W)

Chegada: Ponte Filipina do Cabril
(39°54'19.48"N 8° 8'22.86"W)

Distância a Percorrer: 24 Km

Duração do Percurso: 2 horas

Grau de Dificuldade: Médio

Desníveis: Acentuados

Época Recomendada: Todo o ano

OPERCURSO

A pequena rota PR 2 PGR "Trilho dos Romanos" tem início junto à Estrada Nacional 2 (EN2) no cruzamento para o Santuário de N^ossa Senhora do Milagres, daqui siga pelo caminho asfaltado em direção ao referido santuário.

A cerca de um quilómetro atravessa a ponte sobre o IC8, em frente já se deslumbra o santuário e a escadaria de acesso à capela de N^a Sra. dos Milagres. No espaço do santuário, também conhecido por Monte de N^a Senhora dos Milagres, por ser um excelente miradouro, com vistas para o vale do rio Zêzere e para as albufeiras do Cabril e da Bouça, pode usufruir de um parque de merendas equipado com churrasqueira e instalações sanitárias.

Após atravessar a ponte sobre o IC8, siga a sinalética e vire à direita, mais à frente deixe o asfalto e entre, à esquerda, num caminho empedrado, em frente tem um painel com indicação do local onde se encontra.

Todo o percurso é realizado na série de vegetação *Asparago aphylli-Quercus suberis sigmetum*, ou seja, sobral (*Quercus suber*) com carvalho alvarinho (*Quercus robur*).

Siga pela estrada empedrada, com declive acentuado e bastante antiga que, desde tempos imemoriais dava acesso à única ponte que atravessava o rio Zêzere num raio de muitos quilómetros.

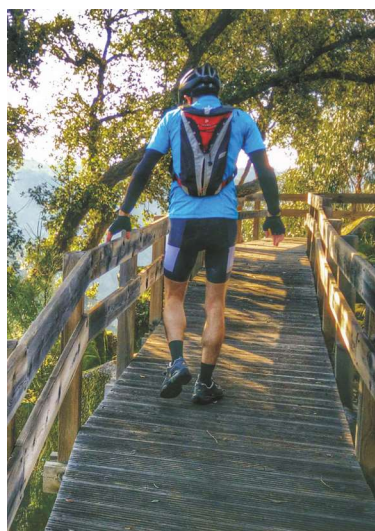
Esta ponte, classificada como monumento nacional e conhecida por Ponte Filipina do Cabril foi edificada junto de uma outra ponte, já em ruínas, cuja construção remonta ao tempo do Império Romano. Vamos calcorrear um caminho histórico pelo qual passaram legiões romanas, exércitos e peregrinos.

Logo no início da descida, do lado direito, pode observar-se o Convento N^a Sra. da Luz mandado edificar entre 1460

e 1476 por uns "tais Leitões" de Pedrógão Grande. Este convento foi reconstruído e ampliado em 1560 a expensas de um subsídio concedido pela Rainha D. Catarina, viúva de D. João III e de esmolas de vários devotos. Neste convento viveu Frei Luís de Granada, que se inspirou nas magníficas paisagens do vale do Zêzere e Ribeira de Pera, para escrever as suas notáveis obras.

Seguindo ao longo do caminho ladeado por muros de pedras graníticas bem emparelhadas e alguns metros mais à frente somos convidados a subir, do lado direito, o passadiço de madeira e a contemplar a magnífica paisagem da Albufeira da Bouça, a foz da Ribeira de Pera e o Penedo Granada. Se teve receio das alturas pode sempre aproveitar para descansar num dos bancos de madeira instalados na berma do caminho.

Após esta pausa contemplativa, prosseguimos a descida até à derivação para o Penedo Granada, que coincide com o troço da Grande Rota do Zêzere (GRZ 33) no concelho de Pedrógão Grande. Neste ponto pode optar por seguir, cerca de 150 metros, na direção Penedo Granada seguindo o troço da vedação de madeira instalada ao longo deste caminho.





Já no Penedo Granada pode descer mais um pouco, seguindo as marcações da GRZ 33 para conhecer a ponte pedonal sobre a Ribeira de Pera.

Após contemplar a paisagem, os sons, a fauna e a flora inverte a sua marcha e regresse ao troço inicial e ao caminho empedrado do Cabril e vá ao encontro da Ponte Filipina do Cabril.

Nas encostas adjacentes a este trilho sobressaem, pelo seu porte e pela cor das suas flores as seguintes espécies de flora: bocas-de-lobo (*Antirrhinum graniticum*), labresto-de-flor-amarela (*Brassica barrelieri*), leituga-branca (*Chondrilla juncea*), cravinhas brancas (*Dianthus lusitanus*), pilriteiro (*Crataegus monogyna*), pereira-brava (*Pyrus bourgaeana*), troviscos (*Daphne*

gnidium), madressilva-das-boticas (*Lonicera periclymenum*), loureiro (*Laurus nobilis*), dedaleiras (*Digitalis purpurea*), diferentes espécies de urzes (*Erica spp.*), gilbardeira (*Ruscus aculeatus*) entre muitas outras espécies.

De entre as espécies arbóreas autóctones destacam-se o sobreiro (*Quercus suber*), o carvalho alvarinho (*Quercus robur*), e a oliveira (*Olea europaea*). As exóticas são o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) e o eucalipto (*Eucalypto globulus*) aparece ainda, como introdução muito antiga, o lodão-bastardo (*Celtis australis*) principalmente na encosta do convento de N. Sra. da Luz.



Passamos por debaixo da ponte do IC8, que foi durante muitos anos, a ponte mais alta da Europa com cerca de 200m de altura em relação ao plano de água. Daqui avista-se o paredão da barragem do Cabril, a montante e mesmo encaixada no vale, num diálogo quase perfeito com o rio Zêzere, a Ponte Filipina do Cabril.

A Ponte Filipina do Cabril, com descrição pormenorizada no capítulo dos monumentos foi, até à inauguração da barragem do Cabril, em 1954, o único elo de ligação com o distrito vizinho, Castelo Branco.

À entrada da ponte, do lado esquerdo, tem início o Caminho da Escala, onde ao longo de aproximadamente 800 metros sempre à beira rio, tem oportunidade para observar de forma privilegiada algumas espécies de aves, nomeadamente o guarda-rios (*Alcedo atthis*) o melro-de-água (*Cinclus cinclus*), a garça-real (*Ardea cinerea*), e a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*).

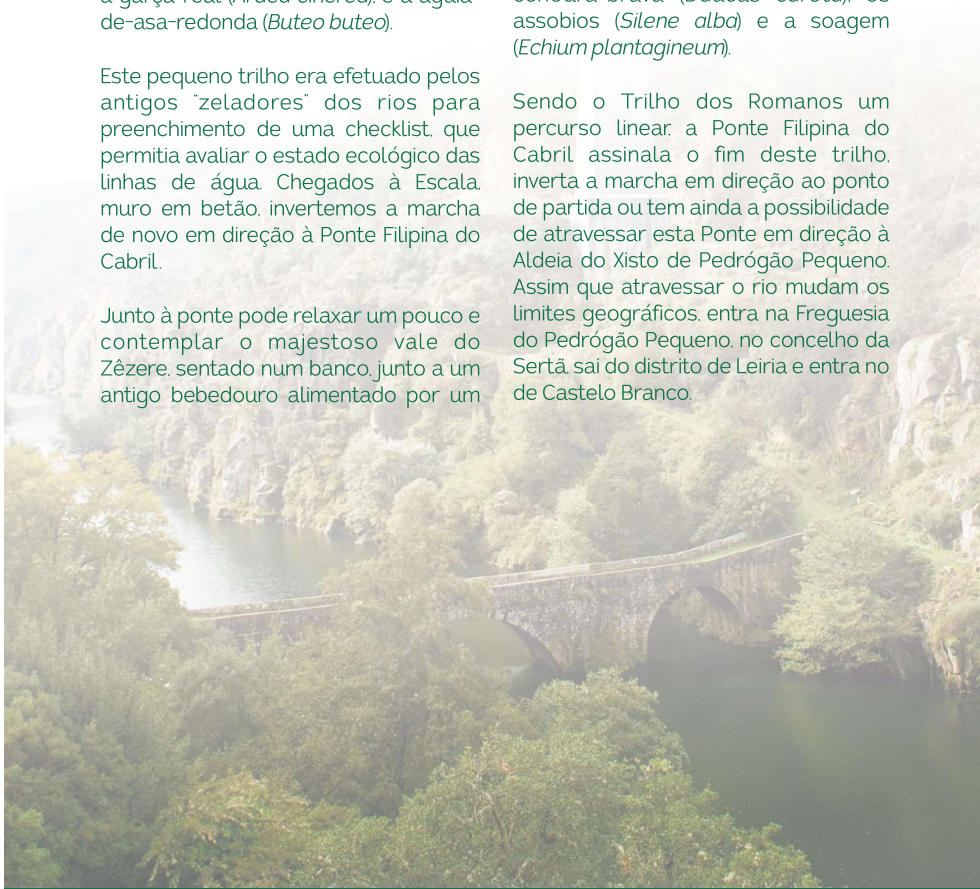
Este pequeno trilho era efetuado pelos antigos "zeladores" dos rios para preenchimento de uma checklist, que permitia avaliar o estado ecológico das linhas de água. Chegados à Escala, muro em betão, invertamos a marcha de novo em direção à Ponte Filipina do Cabril.

Junto à ponte pode relaxar um pouco e contemplar o majestoso vale do Zêzere, sentado num banco, junto a um antigo bebedouro alimentado por um

pequeno fio de água que parece nascer do interior da parede da Ponte Filipina. Aqui podem ser observadas diferentes espécies vegetais: o trevo-cervino (*Eupatorium cannabinum*), o mentrasto (*Mentha rotundifolia*), a junça (*Cyperus rotundus*), escrofulária (*Scrophularia scorodonia*), erva-lanar (*Holcus lanatus*), erva-férrea (*Prunella vulgaris*), trevos (*Trifolium spp*) entre muitas outras espécies. Sobre as árvores e nas paredes pode aparecer a trepadeira hera (*Hedera hibernica*). Junto ao rio, na margem junto à água é comum o sabugueiro (*Sambucus nigra*) e a borrazeira-negra (*Salix atrocinerea*).

Entre as herbáceas perenes destacam-se o funcho (*Foeniculum vulgare subsp. Peperitum*), o verbasco-ondeado (*Verbascum sinuatum*), a azeda-das-paredes (*Rumex induratus*), a erva tintureira (*Phytolacca americana*), a norça-branca (*Bryonica dioica*), a cenoura-brava (*Daucus carota*), os assobios (*Silene alba*) e a soagem (*Echium plantagineum*).

Sendo o Trilho dos Romanos um percurso linear, a Ponte Filipina do Cabril assinala o fim deste trilho, inverte a marcha em direção ao ponto de partida ou tem ainda a possibilidade de atravessar esta Ponte em direção à Aldeia do Xisto de Pedrógão Pequeno. Assim que atravessar o rio mudam os limites geográficos, entra na Freguesia do Pedrógão Pequeno, no concelho da Sertã, sai do distrito de Leiria e entra no de Castelo Branco.



PR3 PGR

CABEÇO DAS MÓS

PROCURANDO
O MOURO
DO CABRIL



PERFIL



FICHA TÉCNICA

Percurso circular com início na Av. Francisco Sá Carneiro, nas proximidades do Jardim dos Aromas e do edifício polivalente onde se encontram instalados os serviços de Cartório Notarial, Segurança Social e Finanças.

O objetivo deste percurso é contemplar o vale do rio Zêzere e a sua formação geológica.

Ao longo deste trilho, ladeado por muros altos de granito que escondem terrenos agrícolas que fizeram história, pois, no passado, Pedrógão Grande foi um concelho essencialmente agrícola onde predominavam extensos olivais.

Afastamo-nos da vila embrenhamo-nos na floresta, que nos vai aproximar do Zêzere num cenário grandioso composto por "...gigantescos morros graníticos... povoados de penhascos enormes e de pinheiros, que crescem por entre adustas penedias" (in Pedrógão Grande Estância de Cura e Turismo).

Tipo de Percurso: Circular
Partida/Chegada: Av. Francisco Sá Carneiro
(39°55'51"N 8° 8'34.74"W)
Distância a Percorrer: 32Km
Duração do Percurso: 2 horas
Grau de Dificuldade: Médio
Desníveis: Pouco Significativos
Época Recomendada: Todo o ano

O PERCURSO

"...Pedregosos e alcantilado, cenário de contos de duentes e de fadas, constituído por enormes penedos, sobrepostos, de granito - separados segundo se crê, por factores sísmicos da imensa cordilheira da granítica da Estrêla..." (In Pedrógão Grande (Estância de Cura e de Turismo), 1935)

Iniciamos o percurso na Av. Francisco Sá Carneiro nas proximidades do jardim dos aromas. O painel divulgativo deste trilho está situado do lado esquerdo desta avenida a aproximadamente 50 metros, para sul da rotunda existente.

Deixamos o asfalto da Avenida Francisco Sá Carneiro e, à esquerda, seguimos por um caminho empedrado ladeado por muros construídos em duro granito da região. Estes muros limitam terrenos agrícolas que recordam o passado agrícola deste concelho e a cultura da oliveira. Seguimos este caminho de encontro à floresta que nos aproxima do Rio Zêzere. Se olhar para trás assumem destaque no perfil da vila de Pedrógão Grande a Torre do Relógio e a Torre da Igreja Matriz.

O caminho empedrado termina num cruzamento em asfalto, neste local siga em frente, por carreiro, também ele empedrado, indo ao encontro de um magnífico carvalhal. Se tiver sorte

pode ser que consiga observar algum esquilo-vermelho (*Sciurus vulgaris*).

Na impossibilidade de observar esta espécie veja as pinhas roídas no chão que têm um padrão peculiar, pois os esquilos deixam as escamas do topo que formam um pequeno tufo, e existem imensas pinhas com esta particularidade neste local, permitindo confirmar a presença desta espécie animal no espaço florestal do concelho de Pedrógão Grande. O Esquilo-vermelho é um mamífero de pequeno porte, da ordem Rodentia e da família Sciuridae.

Os indivíduos desta espécie podem apresentar pelagens de cores diferentes, desde o vermelho vivo ao preto, passando por toda uma gama de cinzentos e castanhos. Existe uma certa relação da cor com a temperatura e a humidade: o vermelho aruivado está associado a áreas quentes e secas das florestas de folha caduca e as cores mais escuras a zonas frescas e húmidas das florestas de compostas e de coníferas. O ventre, mais claro, é geralmente branco. Os olhos e as orelhas são grandes tendo nas extremidades destas um tufo de pelos que atinge maiores dimensões no Inverno e que desaparece com a chegada do Verão. A cauda é comprida e bastante peluda, servindo de "cobertor" nos períodos mais frios e é importante ao nível do equilíbrio.



Há vários séculos atrás o esquilo-vermelho era um animal comum nas florestas portuguesas mas, na altura dos descobrimentos, com a construção das caravelas e das naus, uma grande parte da floresta portuguesa foi destruída e a população de esquilo-vermelho desapareceu do país durante centenas de anos. Na década de 80, a população de esquilo-vermelho da Galiza cresceu e muitos esquilos passaram a fronteira rumo ao Minho espalhando-se por todo o território nacional.

Respeite a sinalética e, no final do carvalhal, siga pela direita ao longo de um caminho florestal. Este caminho é um excelente miradouro com vista para a albufeira da barragem do Cabril e para o esplendoroso rio Zêzere. Alguns metros à frente tem a indicação de viragem à esquerda, seguindo por um carreiro empedrado que atravessa mais um carvalhal mas, antes de mudar de direção, convidamo-lo a seguir em frente, cerca de 150 metros, para conhecer o monumento geológico, conhecido no concelho por Penedo Rachado.



Este monumento é composto por uma rocha granítica de dimensão considerável que por se encontrar fraturada foi-lhe atribuída por parte da população essa designação.

Associado ao Penedo Rachado está a Lenda do Mouro do Cabril e da sua doce Beatriz. Esta lenda esteve na origem da denominação desta pequena rota: "Beatriz era uma jovem e bela camponesa, disputada pelos jovens do lugar. Influenciada pelas histórias da sua avó, sobre pastoras e príncipes encantados, ainda não se tinha decidido por nenhum pretendente.

Todos os dias, Beatriz levava o seu rebanho a pastar junto da ribeira do Cabril. Um dia, foi surpreendida por um príncipe encantado, que a vinha buscar para a levar para o seu palácio de onde nunca mais sairia. Beatriz seguiu o seu sonho e nunca mais voltou a casa. As mulheres diziam que decerto tinha sido o mouro do Cabril que a tinha levado. O mouro tinha fama de belo, poderoso e conquistador, e noutros tempos já tinha

levado uma rapariga tão bela como Beatriz.

Passados anos, a mãe da jovem recebeu a visita do mouro que lhe pediu para ajudar Beatriz a ter o seu filho. A mãe seguiu o mouro até ao palácio encantado, prometendo sigilo contra a garantia de que o seu neto seria um homem livre. A mãe visitou Beatriz em segredo durante anos.

Um dia, o pai de Beatriz obrigou a esposa a acompanhá-lo a uma feira numa terra vizinha. Por entre a multidão, a mãe encontrou o mouro com o seu neto ao colo. Sem se conter, deu-lhe um recado para Beatriz na presença de todos. O mouro e a criança desapareceram em fumo. Segundo dizem, a mãe de Beatriz ficou louca para sempre por causa do desaparecimento da filha levada pelo mouro encantado do Cabril."

Após visita ao Penedo Rachado faça inversão de marcha e regresse ao carreiro empedrado embrenhando-se neste magnífico carvalhal onde, ocasionalmente podem ser observados veados (*Cervus elaphus*), espécie introduzida na serra da Lousã e que, provavelmente em busca de alimento e/ou refugio chegou à floresta deste concelho aumentando a biodiversidade da mesma.

Desça com algum cuidado pois o declive é acentuado e o piso bastante irregular; siga as marcações existentes até chegar ao asfalto e à estrada municipal que dá acesso à zona de recreio da Albufeira do Cabril.

Vire à direita e siga, sempre em asfalto, até entroncar com a EN 2. Este trajeto coincide com a derivação de GRZ 33 e a ligação desta à Ponte Filipina do Cabril.

Na chegada à EN 2 vire à esquerda, sentido Pedrógão Grande e aproximadamente 400 metros vira à sua direita e siga por um caminho de pé posto até encontrar novamente asfalto. Neste ponto vire à direita em direção ao Prado e, sempre em asfalto, por entre muros de betão e terrenos agrícolas regresse à Av. Sá Carneiro e ao ponto de início deste percurso.



PR 4 PGR

TRILHO DO AÇUDE DO RODRIGUES



PERFIL



FICHA TÉCNICA

O trilho do Açude do Rodrigues é um percurso fechado de pequena rota com aproximadamente 1 km de extensão.

Ao longo deste trilho pode observar-se grande diversidade florística autóctone, que resulta do bom estado de conservação da galeria ripícola. Entre muitas outras espécies destacam-se nos estratos arbóreo e arbustivo: amieiros (*Alnus glutinosa*), borrageira negra (*Salix atrocinerea*), salgueiro-branco (*Salix alba*), sabugueiro (*Sambucus nigra*), pilriteiro (*Crataegus monogyna*); e no estrato

subarbustivo várias espécies de fetos onde se destacam o feto-fêmea (*Athrium filixfemina*), o feto-real (*Osmunda regalis*), a trepadeira madressilva (*Lonicera periclymenum*).

Tipo de Percurso: Circular

Partida/Chegada: Ponte de Pera junto à antiga fábrica de lanifícios (39°54'40.25"N 8° 9'41.96"W)

Distância a Percorrer: 1Km

Duração do Percurso: 30 minutos

Grau de Dificuldade: Médio/ baixo

Desníveis: Pouco Significativos

Época Recomendada: Todo o ano

OPERCURSO

O trilho do açude do Rodrigues inicia-se nas proximidades da Ponte de Pera, a cerca de 100 metros da EM 350, imediatamente a seguir a uma fábrica de lanifícios que se encontra desativada.

Nas paredes desta fábrica podem ser observados alguns painéis de azulejos com imagens associadas à Vila de Pedrógão Grande, nomeadamente a Igreja Matriz, o Pelourinho e a Nossa Senhora dos Milagres.

A seguir à fábrica, do lado esquerdo, encontra-se o painel que assinala o início do percurso. mantenha-se à esquerda e após uma curta descida siga lado a lado com a levada de água que efetuava o transporte de água da Ribeira de Pera e da Ribeira de Frades, do açude do Rodrigues, para a antiga mini-hídrica que durante longos anos funcionou na fábrica de lanifícios.

De referir que a Vila de Pedrógão Grande foi das primeiras vilas, em Portugal, a ter energia elétrica no ano de 1918. A eletricidade chegou, a partir da mini-hídrica instalada na fábrica de lanifícios.

Seguimos o trilho umas vezes lado a lado com a levada de água, outras por cima da mesma. A Ribeira de Pera e a sua galeria ripícola em excelente estado de conservação acompanham-nos neste trajeto. O som da água, o cantar dos pássaros e a frescura do ar são relaxantes, contemple a natureza ao seu redor.

Nas encostas o eucalipto foi ocupando as terras do sobreiro (*Quercus suber*), no entanto ainda, nas zonas mais íngremes, os sobreiros vão aparecendo na companhia do carvalho alvarinho (*Quercus robur*), da azinheira (*Quercus rotundifolia*), do medronheiro (*Arbutus unedo*), da carqueja (*Pterospatum tridentatum*) e de várias espécies de urzes e rosmaninhos. Todas estas espécies fazem parte da floresta autóctone do concelho de Pedrógão Grande.





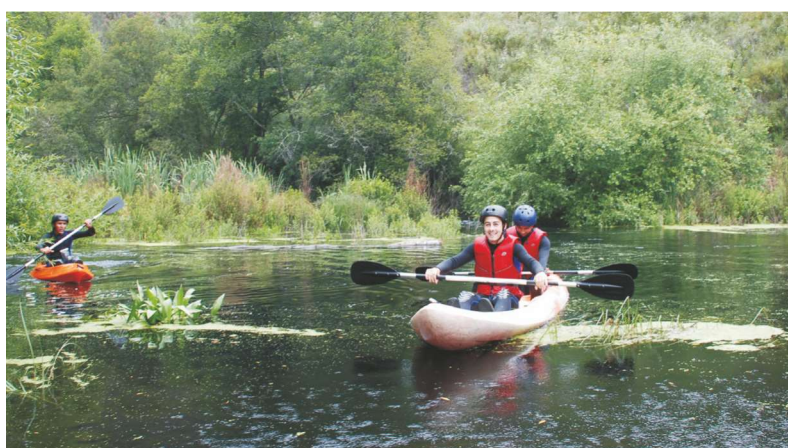
Na chegada ao Açude do Rodrigues e à sua pequena represa de água, onde a Ribeira de Pera e a Ribeira de Frades se unem, encontramos espécies vegetais associadas a correntes de água mais lentas, são exemplos, as tábuas (*Typhas* sp.) e o caniço (*Phragmites australis*).

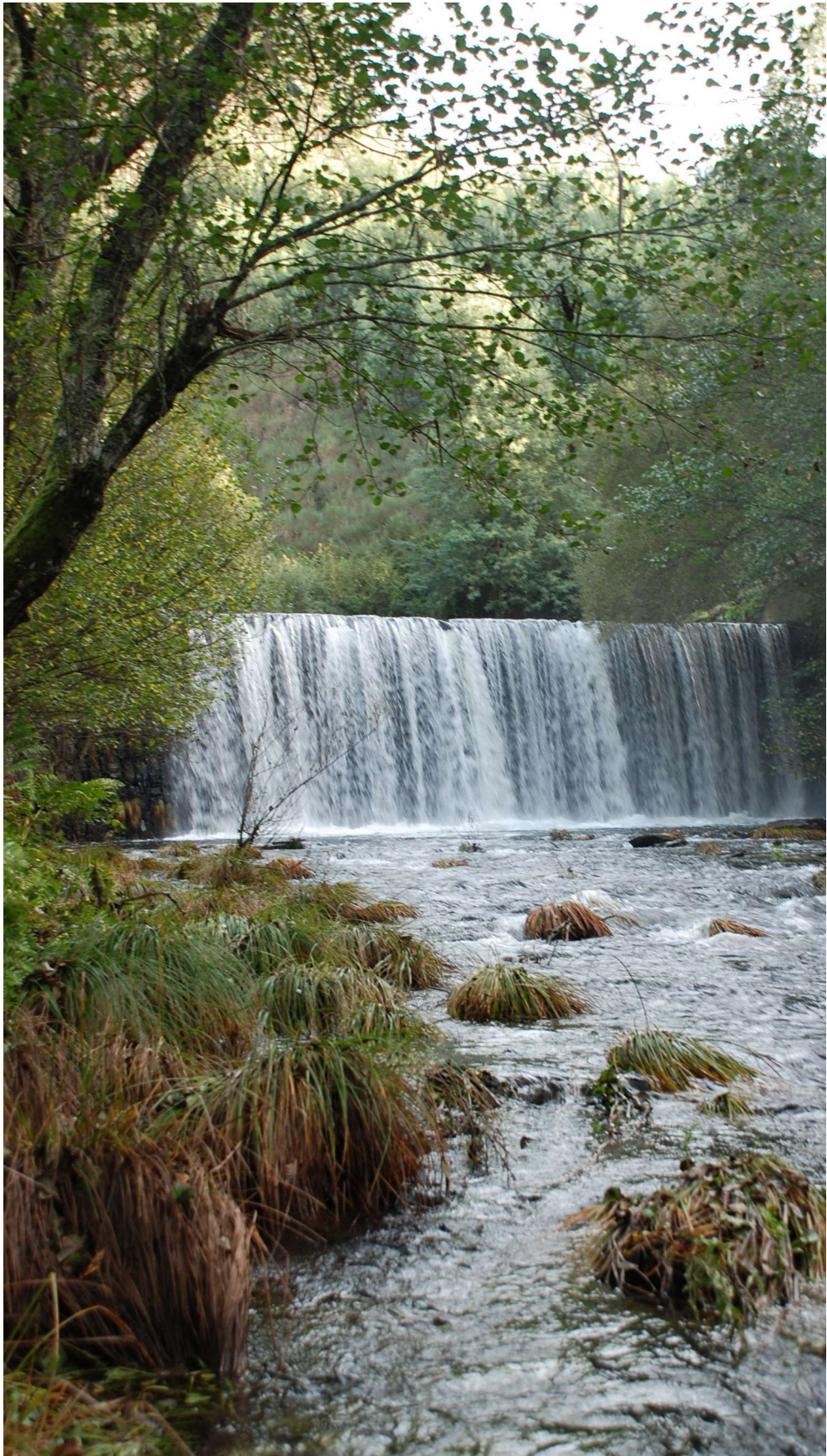
Aqui pode descansar um pouco, num banco de madeira instalado para o efeito e contemplar a paisagem onde a intervenção humana, resultante da construção do açude e natureza se fundem numa harmonia perfeita.

Após o descanso suba à direita por um caminho de pé posto até um estradão florestal.

Percorridos alguns metros, do lado direito, encontramos um magnífico carvalhal de *Quercus robur*, uma verdadeira pérola do Património Natural da região.

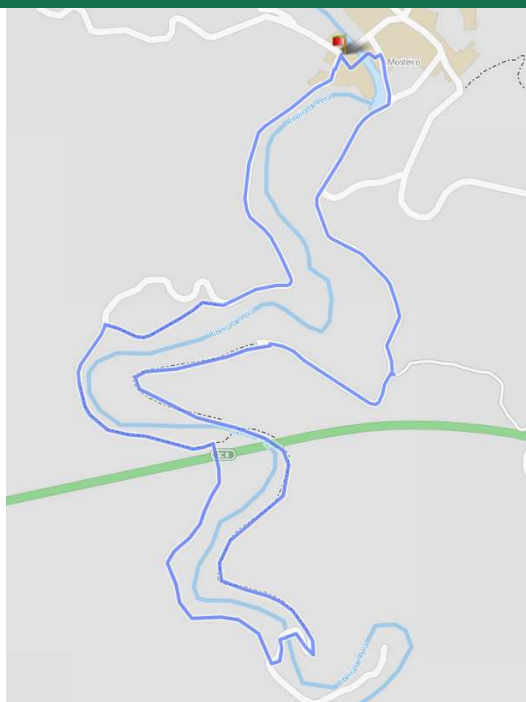
Calcorreadas algumas centenas de metros atravesse a Ribeira de Frades por um pequeno passadiço instalado para o efeito e suba um pequeno desnível que o conduz ao caminho inicial e ao ponto de início deste trilho.





PR 5 PGR

NA SENDA DA RIBEIRA DE PERA



PERFIL



FICHA TÉCNICA

O percurso pedestre, "Na Senda da Ribeira de Pera", é uma pequena rota, com cerca de 6km de extensão. Tem início e fim na Aldeia do Xisto de Mosteiro nas proximidades da praia fluvial do Mosteiro.

Aqui podem ser visitados um lagar de azeite recuperado segundo a sua traça primitiva e que funciona como apoio de praia (café/restaurante) e um moinho de rodízio que foi recuperado mantendo a sua traça tradicional.

Para visitar o moinho de rodízio deve contactar o Centro de Interpretação Turística (CIT) de Pedrógão Grande.

Tipo de Percurso: Circular

Partida/Chegada: Praia Fluvial de Mosteiro

Distância a Percorrer: 6 km

Duração do Percurso: 2/3 horas

Grau de Dificuldade: Médio/baixo

Desníveis: Pouco Significativos

OPERCURSO

A ribeira de Pera é um tributário direto do rio Zêzere, nasce na serra da Lousã aos 1180 metros de altitude, num local designado Porto Ervideiro. Corre no sentido Norte-Sul em vales relativamente estreitos.

Atravessando dois concelhos, primeiro o de Castanheira de Pera e por fim o de Pedrógão Grande, desaguardo no Zêzere, a jusante da barragem do Cabril e a montante da barragem da Bouçã.

Em termos socio-económicos, a ribeira foi em época passada um pólo de desenvolvimento do concelho, destacando-se a existência de levadas de água, sistemas de regadio, lagares de azeite e de um elevado número de moinhos de rodízio, cuja média de ocorrência é de um moinho por cada 550 m, facto elucidativo da importância económica que esta "indústria" teve no concelho.

A implantação de um moinho não era feita ao acaso. As características do curso de água, as acessibilidades entre outros fatores eram determinantes na escolha do local.

O princípio básico de funcionamento do moinho é a criação de um desnível (açude) entre a entrada e a saída da água. É o desnível que vai proporcionar a força necessária para mover o rodízio e consequentemente todo o sistema motor. O moinho de rodízio é constituído por duas componentes separadas fisicamente mas igualmente importantes: o sobrado e o cabouco. No sobrado estão instalados os subsistemas de alimentação e trituração e no cabouco, encontra-se o subsistema motor.

Tendo em conta o referido, um moinho de rodízio funciona da seguinte forma: na moega (recipiente de madeira com forma de pirâmide invertida) é despejado o cereal. Da moega o cereal vai caindo para a telha e daqui conduzido para dentro do olho da movente ou corredora, a inclinação da

telha é justa através do regulador, permitindo, desta forma, gerir a entrada do grão para triturar. No entanto e para além da inclinação da telha também é impresso à telha um movimento vibratório através de uma peça conhecida por martelo.

O martelo tem a forma de cruzeta, assenta uma das pontas no cambeiral, a outra na telha, enquanto a do meio deslizava por cima da corredora. A vibração do martelo é provocada pela irregularidade da superfície da mó e o seu movimento rotativo.

Após cair no olho da movente o cereal é arrastado pelo efeito da força centrífuga para os espaços lavrados no interior das mós. O aperto das duas mós, a fixa, ligeiramente convexa, e a movente ligeiramente côncava define o produto final, isto é farinha ou carolo (farinha grosseira).

O moleiro pode ajustar as mós aproximando ou afastando a pedra móvel da fixa, através de uma alavanca, designada como aliviadouro.



Assim, o subsistema de trituração tem como elementos principais as duas mós. A corredora formada por um único bloco de granito, apresenta ao centro um rasgo retangular, onde se ajusta a segurelha, peça de ferro que estabelece a ligação entre o subsistema motor e o subsistema de trituração, transmite o movimento giratório do rodízio à andadeira. A mó fixa ou poiso, normalmente também formada a partir de um bloco de granito, está incrustada na base do moinho, ou sobre o patamar que se ergue acima do nível do sobrado.

O subsistema motor do moinho encontra-se instalado no cabouco, por debaixo do sobrado. O componente principal deste subsistema é o rodízio.

O rodízio é composto por diversas peças: pela (grossa e robusta coluna de madeira), que possui na sua extremidade inferior uma roda provida de penas onde o jato de água vinda do cubo embate, impelindo o movimento giratório.

A pela assenta no aguilhão (macho) numa pedra dura e côncava (silex ou quartzito), à qual os moleiros chamam rela (fêmea). O silex ou quartzito está incrustado num pau rijo colocado na base do cabouco, denominada grama. Esta estava ligada ao sobrado, permitindo ao moleiro controlar o tipo de farinha a produzir.

O percurso PR 5 PGR "Senda da Ribeira de Pera" tem início na entrada norte da Praia Fluvial do Mosteiro, daqui

rumamos por um caminho em asfalto até à aldeia do Rabigordo.

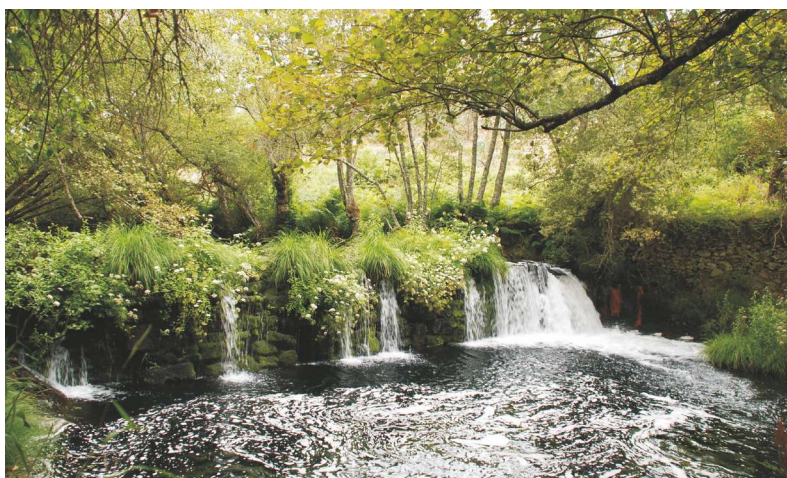
Ao longo deste trajeto é possível contemplar as margens da Ribeira de Pera a sua vegetação luxuriante e agricultura de minifúndio. Nesta zona estão alguns dos solos com maior potencial agrícola do concelho de Pedrógão Grande.

No Rabigordo foi instalado um parque de merendas. Aqui, mesmo que não se sinta cansado vale a pena fazer uma pausa para ouvir os sons da natureza, a água a correr, as aves a cantar e olhar mais atentamente à sua volta para descobrir alguns dos maiores tesouros do nosso património natural.

Nesta área foi confirmada a presença de um dos mais emblemáticos anfíbios da fauna portuguesa a salamandra lusitânica (*Chioglossa lusitanica*). A sua importância advém do facto de se tratar de um endemismo ibérico, e com uma distribuição territorial muito limitada.

Este anfíbio tem uma atividade predominantemente noturna, apesar de poder estar ativo de dia e no crepúsculo em dias nublados ou chuvosos. O seu principal mecanismo de defesa é a extraordinária capacidade de libertar a cauda para distrair os seus predadores.





Do Rabigordo, e já em caminho de terra batida, segue-se em direção ao Cravito, uma pequena aldeia esquecida no tempo.

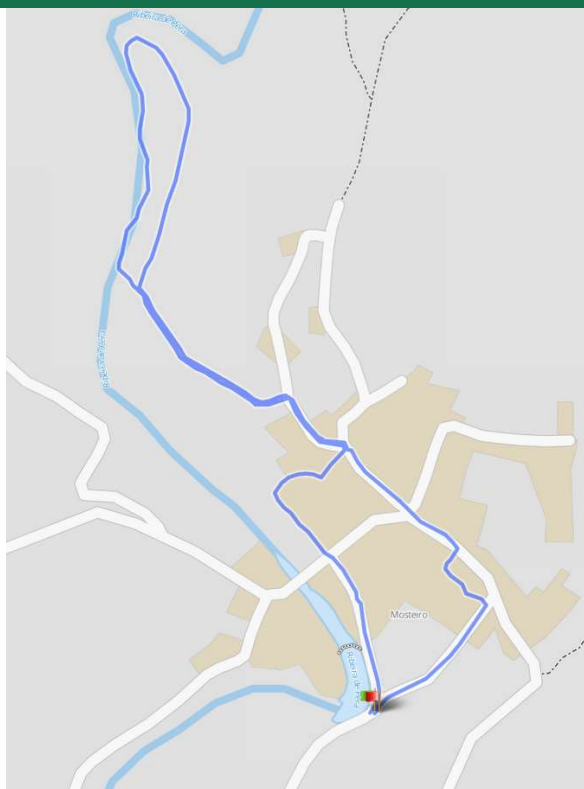
Num passado não muito distante, os seus habitantes cultivaram as margens da ribeira, utilizando para regar as suas culturas uma nora (Roda árabe), instalada na margem direita da Ribeira de Pera, e da qual atualmente apenas se consegue visualizar a base onde assentava.

Seguindo pelo estradão florestal, a seguir à aldeia do Cravito vire à esquerda até um local conhecido por Alagoas, aqui o estradão florestal volta a ser asfaltado, siga a sinalética de encontro ao ponto de partida e à Praia Fluvial da Aldeia do Xisto de Mosteiro.



PR 6 PGR

CONTRA A CORRENTE EM DIREÇÃO AO AÇUDE



PERFIL



FICHA TÉCNICA

Trilho que permite contactar com a natureza e com o passado deste concelho diretamente ligado à Ribeira de Pera e às infraestruturas nela instaladas.

Ao longo deste trilho vai observar sistemas de regadio com os seu açude e respetiva levada, bem como ruínas de velhos moinhos de rodízio e lagares de azeite cuja a força motriz para o seu funcionamento era a água da Ribeira de Pera.

Tipo de Percurso: Circular

Partida/Chegada: Praia Fluvial do Mosteiro

Distância a Percorrer: 234 km

Duração do Percurso: 1 hora

Crau de Dificuldade: Médio/baixo

Desníveis: Pouco Significativos

Época Recomendada: Todo o ano

O PERCURSO

"Nesta Ribeira de Pera de forma particular revisitada, e neste Pedrógão Grande que lhe está subjacente, ousemos viajar pelos trilhos conducentes à união das nossas raízes históricas e culturais com os desafios da modernidade, só desta forma poderemos tornar fértil o presente e construir o futuro com alma e autenticidade."

O "Caminho da Levada em Direção ao Açude" é um percurso fechado de pequena rota, com aproximadamente 3Km de extensão, de nível médio, com início na praia fluvial do Mosteiro onde podem ser visitados, um lagar de azeite e um moinho de rodízio recuperados e em funcionamento.

O painel que assinala o início deste percurso está localizado na margem esquerda da ribeira, no estacionamento sul da praia fluvial, daqui siga pela rua em calçada em direção à aldeia. Do seu lado direito, no talude estão dois bungalows que funcionam como alojamento local.

No fim da calçada atravesse a estrada seguindo entre pequenas hortas, do seu lado direito está a levada de água que assegura a rega da maioria dos terrenos agrícolas.



Siga a sinalética existente e, na chegada ao asfalto, vire à esquerda. A seguir a uma curva pode observar três magníficos e centenários carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*). É muito provável que estas árvores sejam utilizadas pelas corujas-do-mato (*Strix aluco*) para construir os seus ninhos.

De encontro à levada, seguimos por um caminho de terra batida, que nos afasta da zona urbana da Aldeia do Xisto do Mosteiro, de encontro da Ribeira de Pera.



Virando novamente à esquerda, pode visitar as "Azenhas da Boiça", representadas por um lagar de azeite em ruínas, cujo funcionamento estava dependente do caudal da ribeira e em ruínas, e quatro moinhos de rodízio, dois deles em elevado estado de degradação, pois encontram-se instalados na zona inundável da ribeira e foram afetados pelas cheias. Os restantes dois, um está a funcionar e o outro necessita de um soalho novo.

Após esta paragem nas Azenhas da Boiça, volte para trás, para o estradão florestal e seguimos as marcações, cerca de dez a vinte metros à frente viramos à esquerda e embrenhamo-nos no bosque ripícola da Ribeira de Pera, onde a vegetação luxuriante fascina, marcam presenças: amieiros (*Alnus glutinosa*), salgueiros (*Salix* sp), carvalho (*Quercus robur*), medronheiro (*Arbutus unedo*), pilriteiro (*Crataegus monogyna*) com porte arbóreo, zanguinho (*Frangula alnus*), sabugueiros (*Sambucus nigra*), gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), narcisos (*Narcissus trinadus* e *Narcissus bolbocodius*).

A alternância de estações tem efeitos marcados na paisagem: na Primavera e Verão dominam os verdes dos vários pteridófitos (fetos), dos carvalhos, amieiros e salgueiros, com múltiplas marcas de cor dadas por uma grande variedade de inflorescências. No Outono e Inverno as várias tonalidades de castanhos, alaranjados e vermelhos das espécies caducifólias e as cores fortes dos frutos das espécies de folha persistente, como o medronheiro, mantêm a qualidade cénica da paisagem.

Ao longo do percurso e sempre na margem da ribeira de Pera, é possível observar também várias espécies de aves, dependentes do sistema aquático como o melro-de-água (*Cinclus cinclus*), o vistoso guarda-rios (*Alcedo atthis*), a imponente garça-real (*Ardea cinerea*) e o pato-real (*Anas platyrhynchos*), o mais conhecido antepassado do pato doméstico, para além de muitas espécies de passeriformes que esvoaçam habilmente por entre ramos da vegetação mal se deixando ver.

Dependente da qualidade do ecossistema aquático, e da proteção conferida pela vegetação ribeirinha, está a presença de Lontra (*Lutra lutra*), grande mamífero muito esquivo e, por isso, de difícil observação, mas que aqui também deixa as suas inconfundíveis pegadas e alguns excrementos, com características odoríferas específicos, que a lontra serve de marcação territorial e nos permitem o reconhecimento da sua presença.



O javali (*Sus scrofa*) também gosta de passar por aqui, pois consegue alimento durante todo o ano, alimentando-se preferencialmente de bolbos, cogumelos e bolotas. Este animal apresenta um comportamento característico que consiste em enlamear-se nas poças resultantes das variações de caudal da ribeira, um verdadeiro tratamento de beleza que mantém o seu pelo liberto de parasitas.

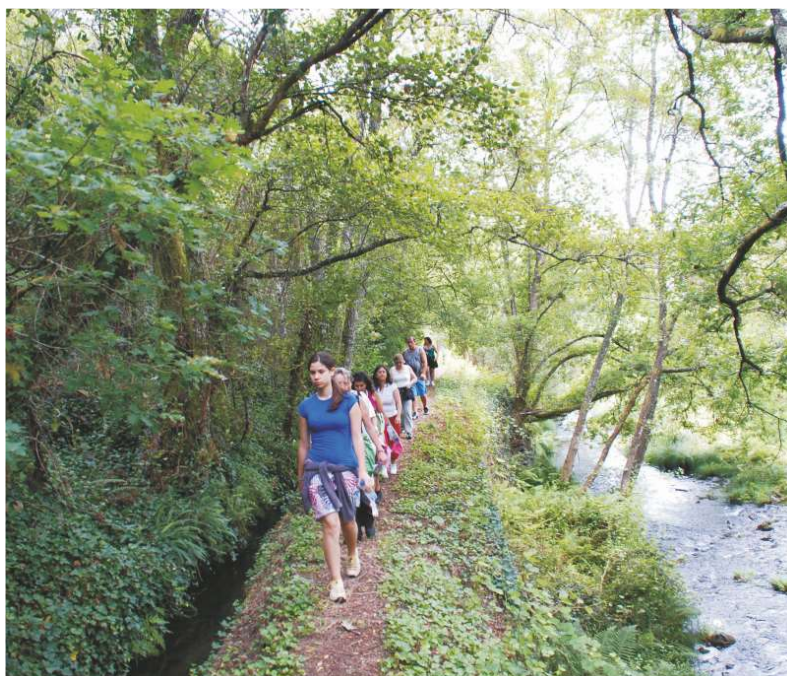
Os veados (*Cervus elaphus*) marcam presença principalmente nos terrenos agrícolas abandonados adjacentes à ribeira de Pera.





À noite, estes bosques ripícolas são explorados por rapinas noturnas: corujadas-torres (*Tyto alba*), bufo-real (*Bubo bubo*), e mocho-galego (*Athene noctua*), estas aves descansam durante o dia e aproveitam a noite para caçar essencialmente pequenos roedores.

Chegados ao açude, passe por cima da levada em direção ao estradão florestal que o trará de volta à Aldeia do Xisto do Mosteiro.



PR 7 PGR

MARGINAL DA ALBUFEIRA DO CABRIL



PERFIL



FICHA TÉCNICA

Construída em 1954, a barragem do Cabril, forma uma albufeira com cerca de 55 km de comprimento. O rio Zêzere e o rio Unhais contribuem para este fantástico lago artificial que, apresenta excelentes condições para a prática de diferentes desportos náuticos como o remo, a canoagem e o paddle.

No verão, a piscina flutuante existente, faz as delícias dos veraneantes que aqui e, em condições de segurança, podem dar uns mergulhos e refrescar-se.

A pesca desportiva, embarcada ou de margem, é mais uma das ofertas desta albufeira. No clube náutico pode alugar canoas, caiaques e barcos a motor.

Tipo de Percorso: Linear

GPS: 39°55'30.02"N 8° 759.63"W

Partida: Estradão de acesso à Ilha
(GPS: 39°55'30.02"N 8° 759.63"W)

Chegada: Capela de Santo António

Distância a Percorrer: 6.8 km

Duração do Percorso: 2 horas

Grau de Dificuldade: Médio/baixo

Desníveis: Pouco Significativos

Época Recomendada: Todo o ano

O PERCURSO

Esta pequena rota tem início na localidade de Vale de Góis, nas proximidades do parque de campismo de Pedrógão Grande no estradão que dá acesso a um local conhecido por "Ilha".

No local da partida têm-se uma vista privilegiada sobre a Albufeira do Cabril, siga o estradão florestal sempre marginal ao Rio Zézere.

A aproximadamente cerca de um quilómetro do início da partida, do lado direito, encontra-se o edifício da antiga estação de tratamento de água do Cabril. Neste equipamento era efetuado o tratamento da água para

consumo humano, que abastecia a totalidade do concelho de Pedrógão Grande.

Atualmente e com a concessão desta estação de tratamento de água (ETA) à empresa Águas de Lisboa e Vale do Tejo, esta encontra-se inativa, uma vez que neste momento a Albufeira do Cabril para além do concelho de Pedrógão Grande, abastece também os concelhos vizinhos de Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos e Sertã.

De modo a dar resposta às necessidades, a empresa concessionária construiu uma nova ETA na povoação de Vale do Barco cuja captação se encontra a montante desta estação nas proximidades da Ilha.



Seguimos pelo caminho de terra batida sempre de olhos postos no brilho da água. É provável que passe uma águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), é uma rapina muito comum, sinalizada várias vezes a planar o espelho de água.

Ao longo do caminho também pode ser observada vegetação autóctone como é o caso de várias espécies de rosmaninho, carquejas, tojos, esteva, giestas, carvalhos, medronheiros, sobreiros e também espécies exóticas como o pinheiro bravo, o eucalipto, e também a acácia.

A chegada à Ilha é marcada pela presença da nova captação de água do lado direito e estação elevatória do lado esquerdo. É neste local que a água é captada e elevada para a nova ETA situada no Vale do Barco.

Aproveite este local para fazer uma pequena pausa e descansar no parque de merendas da Ilha que se situa no extremo oposto desta pequena península.

Restabelecidas as forças, reinicie a caminhada ao longo da margem. Contemple a paisagem, o silêncio, o som da água, das aves, e os contrastes.

Prossiga no estradão sempre com o espelho de água ao seu lado. É muito provável que de tempo a tempo ouça os "splash" dos saltos dos peixes que saltitam para apanhar algum inseto mais distraído ou, pura e simplesmente, para sentirem o calor dos raios solares.

Siga na direção da antiga Praia do Vau, situada um pouco abaixo da confluência dos rios Zêzere e Unhais. Era uma zona muito frequentada no Verão, especialmente em agosto, por pessoas da vila e arredores. Nas margens existiam abrigos, construídos em pedra que protegiam os banhistas.

Com a construção da barragem do Cabril, em 1954, a Praia do Vau foi coberta por um manto de água, restando apenas como lembrança, o local onde o Barqueiro atracava o barco, que fazia a passagem do Rio Zêzere para a outra margem.

Subimos a encosta de encontro ao Santuário de Santo António, aqui terminamos a nossa rota. Aproveite para descansar, restabelecer energias e porque não lanchar: ao dispor tem um pequeno parque de merendas com uma vista fabulosa sobre a Albufeira do Cabril e o majestoso Rio Zêzere.

Desfrute a natureza, descubra o nosso rio e o que ele tem para oferecer.





PR 8 PGR

MARGINAL DA ALBUFEIRA DA BOUÇA



PERFIL



FICHA TÉCNICA

A albufeira da Bouça está implantada no rio Zêzere, compreendida entre as albufeiras do Cabril, a montante, e de Castelo de Bode a jusante. Possui uma área superficial de 50ha, com uma profundidade média de 20 metros.

Apesar de se tratar de uma albufeira destinada essencialmente à produção de energia elétrica é muito procurada para diversas atividades de cariz desportivo, turístico e ambiental são exemplos dessas atividades a pesca, a canoagem, os percursos pedestres, BTT.

Tipo de Percurso: Circular

Partida/Chegada: Casal dos Ferreiros (39°53'08.45"N 8°12'46.12"W)

Distância a Percorrer: 10.4 Km

Duração do Percurso: 3 horas

Grau de Dificuldade: Médio/baixo

Desníveis: Pouco Significativos

Época Recomendada: Todo o ano



O PERCURSO

Este percurso de pequena rota, com aproximadamente 10 km, é efetuado ao longo de um caminho florestal com início assinalado por um painel informativo colocado na povoação de Casal dos Ferreiros.

Ao longo deste caminho pode contemplar a albufeira da Bouça e seu límpido espelho de água.

A albufeira da Bouça está implantada no rio Zêzere, compreendida entre as albufeiras do Cabril, a montante, e de castelo de Bode a jusante. Possui uma área superficial de 50ha com uma profundidade média de 20 metros.

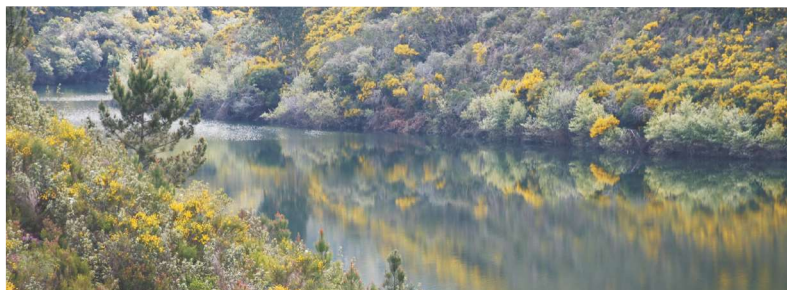
Ao contrário do que acontece na albufeira do Cabril, a Bouça é mais húmida e as descidas do nível da água não marcam a paisagem. As margens apresentam características luxuriantes

onde dominam salgueiros (*Salix atrocinerea*), amieiros, loureiros, folhados, medronheiros, carvalhos alvarinhos, sobreiros e zambujeiros (*Olea Europaea*)

Nas encostas mais expostas a vegetação é marcada pela presença das estevas, urzes, giestas, carquejas e tojos.

As exóticas são o pinheiro-bravo (*Pinus Pinaster*) e o eucalipto aparecendo também uma espécie invasora e bastante problemática conhecida por espinheiro (*Hakea sericea*), que após o incêndio florestal de 2006 se encontra em franca expansão.

Esta espécie forma bosques impene-tráveis a qualquer espécie de animal, pois como o próprio nome indica, as suas folhas são autênticas agulhas. Por outro lado, compete com as espécies autóctones colocando em risco a biodiversidade deste local.



A autarquia tentou efetuar algum controle desta espécie no âmbito do projeto de aprovisionamento sustentável dos recursos naturais das Albufeiras do Cabril e Bouçã, procedendo ao corte desta espécie e à plantação de espécies autóctones como: carvalhos, sobreiros, azereiros, medronheiros, castanheiros e folhados em sua substituição, demonstrando assim a importância da flora autóctone.



A meio do percurso é possível fazer uma pequena pausa, restabelecer energias no parque de merendas da Bouçã. Este parque encontra-se instalado numa zona utilizada como refúgio de pescadores, prova disso é uma pequena construção aí instalada, edificada com o contributo de todos os habitantes das aldeias de Atalaia Cimeira e Atalaia Fundeira.

A primeira etapa desta pequena rota - Casal dos Ferreiros/Ribeira dos Nunes - é efetuada ao longo de um estradão florestal, sempre a descer.

Ainda neste local existe uma pequena rampa de terra que permite o acesso a embarcações de recreio.

A aproximadamente 2 km do início do percurso é possível ouvir o som da água que cai nas cascatas da Ribeira do Nodel que se encontra com o Zêzere num local conhecido por Ribeira dos Nunes. Neste local também é o ponto de encontro entre a Grande Rota do Zêzere (GRZ) e esta pequena rota que seguem juntas até meio desta.

Daqui siga o caminho de encontro às povoações mais próximas, Atalaia Cimeira e Atalaia Fundeira.

Venha conhecer a marginal da albufeira da Bouçã.

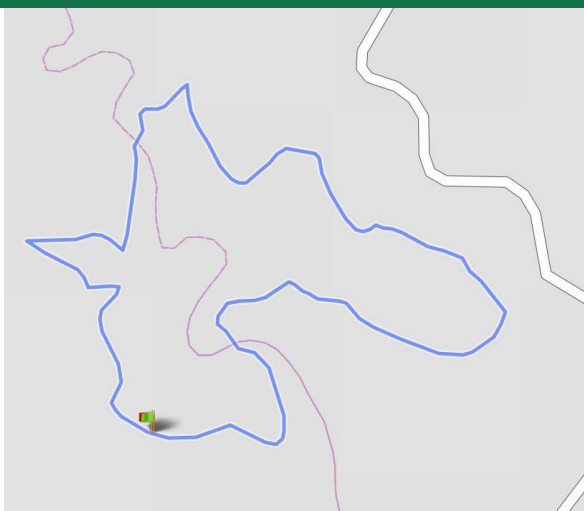
**DESCANSE E PRIVILEGIE O CONTACTO
COM O NOSSO PATRIMÓNIO
NATURAL**





PR 9 PGR

GOI - TRILHO DO CASTELO VALE D'ARMUNHA



PERFIL



FICHA TÉCNICA

O "Trilho do Castelo Vale d' Armunha" é uma pequena rota circular que permite aos caminheiros reviver as vivências desta aldeia diretamente ligadas à Ribeira de Mega, à agricultura de subsistência e à pastoreira.

As paisagens que vai contemplar ao longo da caminhada são de beleza cénica natural, indescritível.

Tipo de Percurso: Circular

Partida/Chegada: Entrada da Aldeia de Castelo Vale d'Armunha (39°53'08.45"N 8° 12'46.12"W)

Distância a Percorrer: 2 Km

Duração do Percurso: 1 hora e 30 minutos

Grau de Dificuldade: Médio/baixo

Desníveis: Pouco Significativos

Época Recomendada: Todo o ano



OPERCURSO

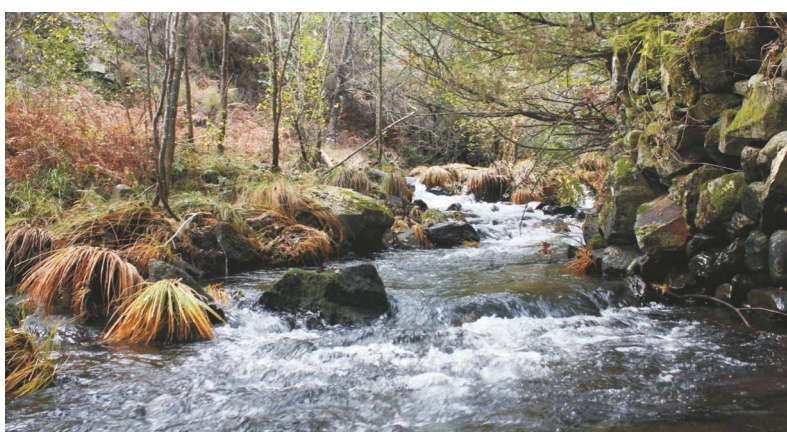
Este percurso tem início à entrada da aldeia de Castelo Vale d'Armunha onde, em vez de seguirmos para o núcleo habitacional viramos à direita por um caminho de terra que nos leva para dentro da floresta em direção à Ribeira de Mega.

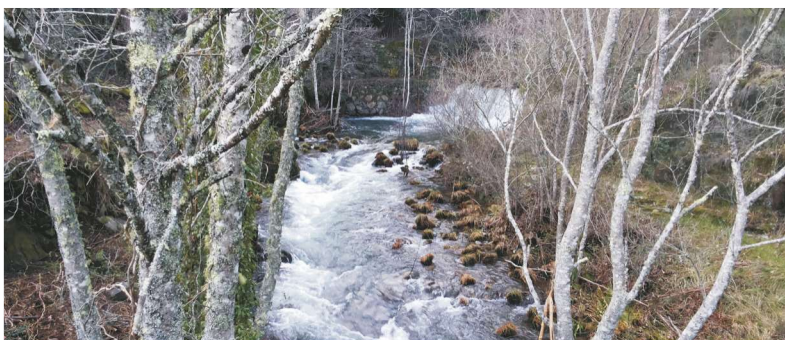
A Ribeira de Mega é uma das linhas de água mais importantes do concelho de Pedrógão Grande integrando a bacia hidrográfica do Rio Zêzere.

O cantar das aves e o som das cascatas de água acompanham-nos do início ao fim do percurso.

A paisagem é marcada pela presença de espécies da flora autóctone destacando-se, na família Fagaceae, o carvalho alvarinho (*Quercus robur*), o sobreiro (*Quercus suber*) e o castanheiro (*Castanea sativa*), da família Ericaceae o medronheiro (*Arbutus unedo*) e as urzes (*Erica Cytisus scoparius*), a esteva (*Cistus ladanifer*), a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*) entre muitas outras espécies. mais próximo da linha de água podemos observar espécies características da galeria ripícola, os amieiros (*Alnus glutinosa*), e os salgueiros (*Salix atrocinerea*).

O caminho de terra termina numa ponte que nos permite passar para a outra margem da Ribeira de Mega.





Aqui a paisagem é deslumbrante. As fragrâncias, os sons e os vestígios de um passado não tão longínquo permitem-nos reviver algumas memórias de infância.

Seguimos por um caminho estreito e empedrado ladeado por muros de xisto. Ao longo deste caminho, que nos leva até à Aldeia das Estevianas, vamos contatando com algumas ruínas de antigas casas de habitação ou pequenos currais que serviam para guardar o gado e/ ou as alfaías agrícolas.

Passamos por debaixo de uma velha latada de ferro e chegamos à Aldeia das Estevianas.



Num dos taludes estão algumas cabras a pastar. Caminhamos por uma estrada asphaltada, no entroncamento viramos à esquerda em direção à aldeia que nos acolheu – Castelo Vale D' Armunha.

Subimos um pouco para depois, cerca de duzentos metros à frente, inflectirmos à esquerda na direção da Ribeira de Mega.

Calcorreamos um carreiro, com alguma vista dentro de água ou próximo desta inclinação, que nos leva a mais uma ponte. Aqui constatamos mais algumas marcas do passado à nossa frente estão as ruínas de um moinho de rodízio, não tem telhado e o soalho desabou, as duas mós que o compõem estão guardadas entre as suas quatro paredes de pedra. Mais à frente, colocado num dos taludes desta margem da Ribeira de Mega, está uma nora de ferro que servia para vencer o desnível, elevando a água para os taludes agrícolas onde se cultivavam os cereais.





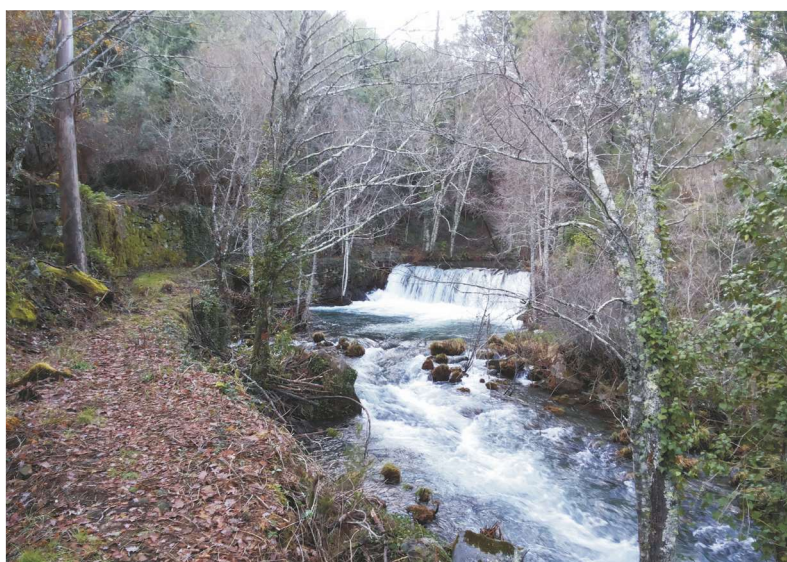
Ainda neste local somos surpreendidos pela presença imponente de uma a garça-real (*Ardea cinerea*). Esta ave com quase 1 metro de altura, é a maior das garças que ocorrem em Portugal. É uma ave cinzenta, que se destaca pelo seu longo pescoço. Pode geralmente ser vista dentro de água ou próximo desta.

Continuamos a jornada por um carreiro, que no inverno se encontra coberto de folhas de castanheiro e carvalho.

Conseguimos observar algumas marcas da presença de raposa (*Vulpes vulpes*), do saca-rabos (*Herpestes ichneumon*) e também de gineta (*Genetta genetta*).

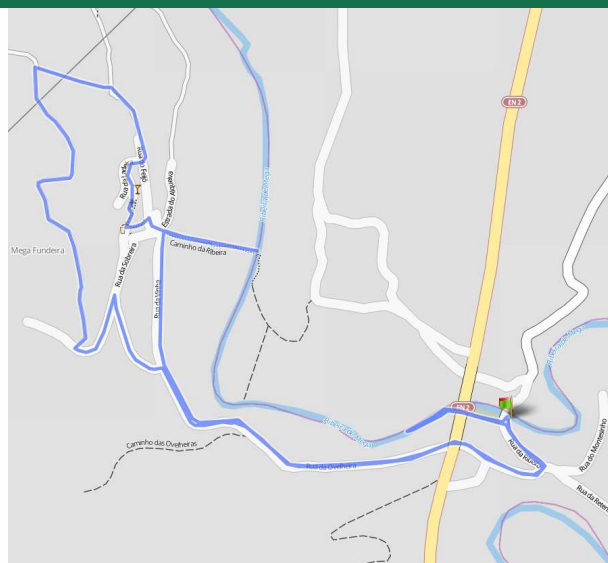
Seguimos ao encontro da Aldeia de Castelo Vale d'Armunha, onde, seguindo a sinalética existente, tem ainda a possibilidade de fazer um desvio ao troço principal desta pequena rota e visitar o Açude do Pisão e a levada que alimentava o velho moinho aqui existente.

Se esta não for a sua opção, siga pelo trajeto principal, em direção ao ponto de partida finalizando a jornada pelo "Trilho do Castelo Vale D' Armunha".



PR 10 PGR

TRILHO DE MEGA FUNDEIRA



PERFIL



FICHA TÉCNICA

Percurso circular com cerca 6 km de extensão tem início na Aldeia de Mega Fundeira que dista cerca de 11 Km da vila de Pedrógão Grande.

O "Trilho de Mega Fundeira" tem início na zona de recreio e lazer de Mega Fundeira.

Neste espaço os visitantes podem contactar com a Ribeira de Mega, os seus recursos naturais e também com algum património construído cujo funcionamento depende diretamente desta linha de água.

Tipo de Percurso: Circular
Partida/Chegada: Casal dos Ferreiros (39°53'08.45"N 8° 12'46.12"W)
Distância a Percorrer: 10.4 Km
Duração do Percurso: 3 horas
Grau de Dificuldade: Médio/ baixo
Desníveis: Pouco Significativos
Época Recomendada: Todo o ano



OPERCURSO

A Zona de Recreio e Lazer de Mega Fundeira é composta por um Moinho de Rodízio, que foi recuperado aquando da reabilitação desta área, uma levada de água que alimenta o moinho, um açude que permite, no verão, que os visitantes se possam refrescar nas águas cristalinas da Ribeira de Mega, e um parque de merendas.

É neste local que iniciamos a nossa jornada por um caminho de calçada em direção ao núcleo principal da Aldeia de Mega Fundeira. Passamos por debaixo da ponte da Estrada Nacional 2, daqui já se avista, na meia encosta, o casario que compõe esta aldeia.

Seguimos agora por uma estrada de asfalto, ao longo do vale da Ribeira de Mega, envolvidos por uma floresta composta por castanheiros (*Castanea sativa*), carvalho-alvarinho (*Quercus ruber*), medronheiro (*Arbutus unedo*) entre muitas outras espécies que constituem autênticas relíquias da nossa floresta autóctone.

O som da água a correr, o cantar das aves e as fragrâncias inspiram os caminheiros. A seguir às primeiras casas e, antes de entrar no centro da aldeia, viramos à esquerda por um caminho de terra, por aqui seguimos, sempre a meio da encosta, a paisagem é deslumbrante.



Ao fundo, no vale observamos os terrenos agrícolas outrora sustento das gentes desta aldeia e os reflexos emitidos pela água da Ribeira de Mega quando o sol a interseta.

À medida que calcorreamos este estradão florestal, observamos também alguns apiários. O mel produzido no concelho possui a Denominação de Origem Protegida (DOP) "Mel da Serra da Lousã" e é essencialmente mel de urzes (spp) espécie característica dos matagais mediterrânicos.

Ao longe e isolados no meio da encosta estão dois antigos reservatórios, um de fibra e outro de cimento.

Estes reservatórios eram responsáveis pelo abastecimento de água à Aldeia de Mega Fundeira a captação era efetuada acerca de 1 quilómetro numa mina.

Após passar estas infraestruturas, infletimos à direita em direção ao núcleo central da Aldeia.



Já no núcleo da Aldeia de Mega Fundeira fazemos uma paragem junto à Ermidade N. Sra. da Estrela, padroeira desta aldeia.

Agora seguimos por um caminho de calçada. do nosso lado direito está um fontenário.

A água que chega a esta fonte vem de uma nascente localizada a meio da encosta. não é tratada nem analisada pelo que não aconselhamos o seu consumo.

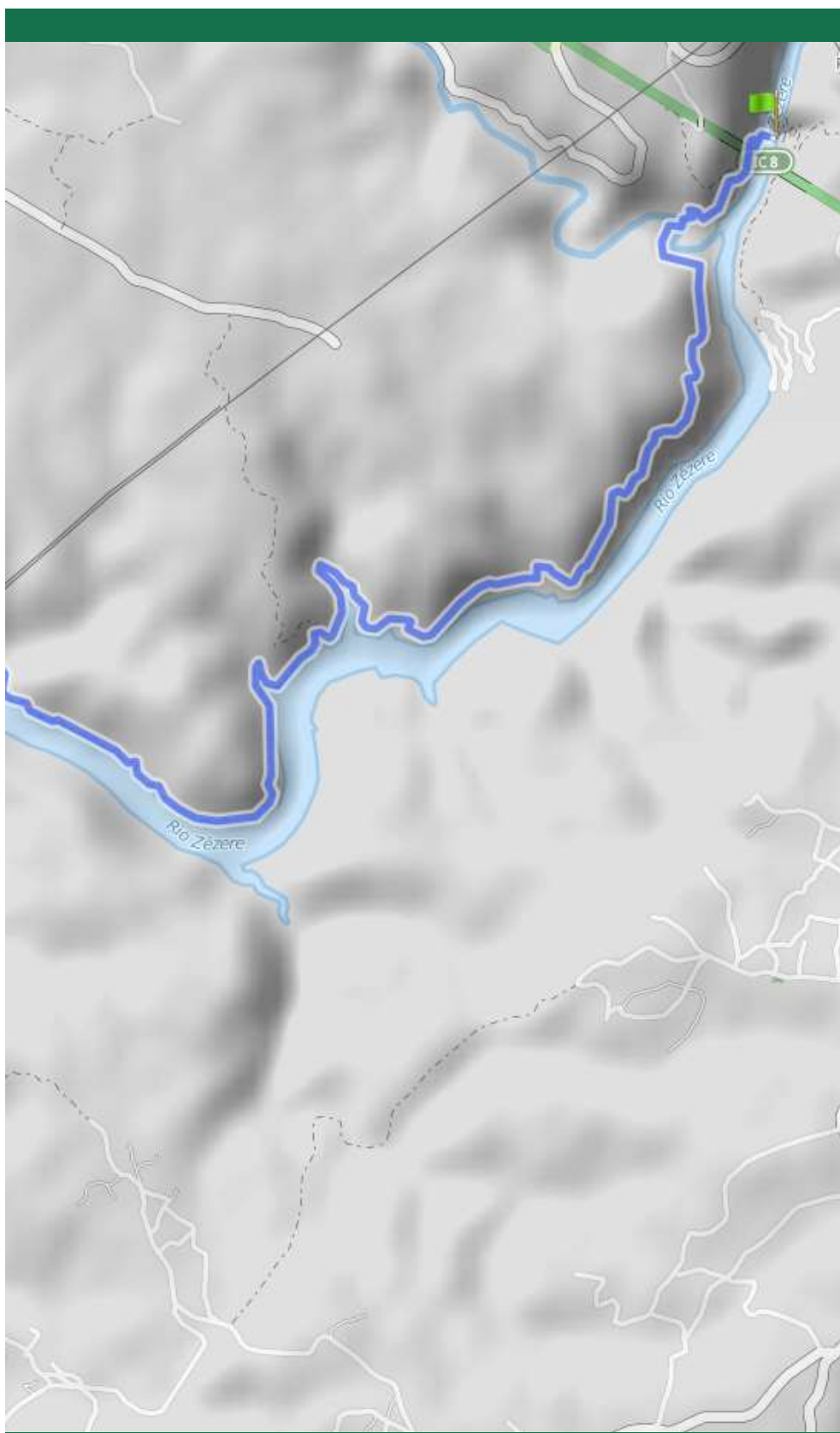
Passamos por debaixo de uma das casas da aldeia. viramos à direita, seguindo sempre o caminho de calçada até entrarmos novamente no asfalto que nos conduz até ao ponto de início deste trilho, a Zona de Recreio e Lazer de Mega Fundeira.



GRZ 33

GRANDE ROTA
DO ZÊZERE
TROÇO DE
PEDRÓGÃO
GRANDE







PERFIL



FICHA TÉCNICA

Percurso circular com cerca 6 km de extensão tem início na Aldeia de Mega Fundeira que dista cerca de 11 Km da vila de Pedrógão Grande.

O "Trilho de Mega Fundeira" tem início na zona de recreio e lazer de Mega Fundeira.

Neste espaço os visitantes podem contactar com a Ribeira de Mega, os seus recursos naturais e também com algum património construído cujo funcionamento depende diretamente desta linha de água.

Tipo de Percurso: Circular

Partida/Chegada: Casal dos Ferreiros (39°53'08.45"N 8° 12'46.12"W)

Distância a Percorrer: 10.4 Km

Duração do Percurso: 3 horas

Grau de Dificuldade: Médio/ baixo

Desníveis: Pouco Significativos

Época Recomendada: Todo o ano

O PERCURSO

Ao longo de 370 Km, a GRZ- Grande Rota do Zêzere, acompanha o Rio Zêzere desde a nascente, na Serra da Estrela, até à foz, em Constância, onde encontra o Rio Tejo. Projetado para ser multidisciplinar, o percurso pode ser feito a pé, de bicicleta ou de canoa, de forma contínua e encadeada, por troços ou mesmo em circuitos multimodais.

Assente numa ideia nascida no seio da Associação Amigos da Serra da Estrela, a GRZ torna-se realidade através do trabalho conjunto de um consórcio liderado pela ADXTUR- Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto, em parceria com todos os Municípios por onde o rio passa.

Em Pedrógão Grande são duas as vias de chegada.

Quem vem de canoa chega à Albufeira do Cabril, atracando na rampa de acesso a embarcações existente e deixa a canoa para seguir a pé ou de bicicleta, na Estação Intermodal existente, localizada na parte superior da rampa de acesso e integrada num parque de merendas que é um excelente miradouro sobre esta a albufeira do Cabril.



Daqui siga em direção à Barragem do Cabril, pela EN 2 até à Aldeia do Xisto de Pedrógão Pequeno, concelho da Sertã.

Na entrada da aldeia, à direita, siga por um caminho muito antigo, empedrado, até à Ponte Filipina do Cabril, retomando o troço da GRZ 33 no concelho de Pedrógão Grande.

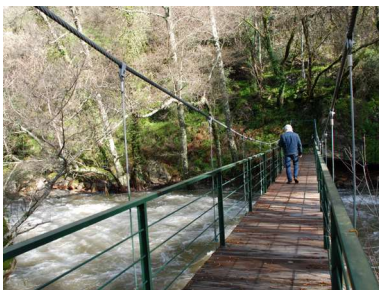
Nos próximos 23 quilómetros as águas cristalinas do rio Zêzere, os cheiros da floresta presente nas suas margens e o som das aves serão a sua companhia.



Neste troço da GRZ no concelho de Pedrógão Grande terá oportunidade de contactar com património natural e cultural de valor incalculável. São exemplos desse património, o Penedo Granada, local de meditação do Frei Luís de Granada e de inspiração do poeta Luís Vaz de Camões para o seu poema 'O Pomar Venturoso', a Ribeira de Pera que nasce na serra da Lousã e para além da vegetação luxuriante das suas galerias ripícolas transporta-nos ao passado e à lenda da Princesa Peralta, filha do Rei Arunce, que por aqui passeou com as suas aias, os Moinhos de Rodízio que foram uma das mais importantes atividade económica e social desde os primórdios da nacionalidade. Note que na primeira dinastia a coroa possuía um moinho na foz da Ribeira de Pera, no sítio do Convento de N.ª Sra. da Luz, local de mística e poesia que inspirou nomes das letras e das artes como Miguel Leitão de Andrada (1553-1630), Frei Luís de Granada (1504-1588) e os pintores Alfredo Keil (1850-1907) e José Malhoa (1855-1933) que ilustraram toda esta região.

Siga as marcações, a paisagem não sofrerá grandes alterações e o rio Zêzere será sempre a sua companhia.

Vá ao encontro da ponte pedonal sobre a ribeira de Pera, local mágico cheio de mistérios por desvendar.



Na Pena contemple a paisagem, os penhascos do Penedo Granada, a foz da Ribeira de Pera, o Convento da Luz, a ponte Filipina do Cabril, a ponte do IC8 e a Aldeia do Xisto de Pedrógão Pequeno revelam-se na paisagem.

Encontra-se dentro do limite da Albufeira da Bouçã, apesar de estar em terras de sobreiro (*Quercus suber*), marcam a paisagem espécies como o eucalipto, o pinheiro-bravo e nas margens do rio, junto à água, crescem espécies da floresta autóctone como é o caso dos loureiros, dos amieiros e dos sabugueiros. Vai também encontrar vestígios deixados pelos javalis, pelas raposas e provavelmente por veados.



Siga as marcações até à ribeira dos Nunes, aqui a Ribeira do Nodel abraça o rio Zêzere e a GRZ encontra-se com a PR 8 PGR "Marginal da Albufeira da Bouçã".

A ribeira do Nodel nasce a norte da localidade do Nodelinho, num local

conhecido como "Nodelinho". Esta ribeira é a principal linha de água que atravessa a freguesia da Graça, as suas margens conservam um diversificado património natural onde marcam presença os carvalhos (*Quercus robur*), os loureiros (*Laurus nobilis*), os medronheiros (*Arbutus unedo*), e muitas outras espécies características da floresta mediterrânica.

Apesar deste local ter sofrido algumas intervenções humanas é um espaço muito importante do ponto de vista ecológico pois, em noites de lua cheia, as bogas (*Chondrostoma polylepis*), por alturas da sua desova vêm bater-se neste local. Também a lontra (*Lutra lutra*) encontrou aqui o seu habitat facilmente vai encontrar excrementos, cuja característica é o cheiro intenso a marisco, que indicam a sua presença neste espaço.

A partir daqui siga pelo estradão florestal, o rio Zêzere estará sempre ao seu lado. Ao longo do percurso vai sentir diferentes aromas provocados pela presença de espécies como alfavaca (*Lavandula spp.*), a esteva (*Cistus ladanifer*), o medronheiro (*Arbutus unedo*), da arruda (*Ruta graveolens*), das urzes (*Erica spp.*) e de muitas outras espécies.

Descanse na estação intermodal da Bouçã na envolvente da mesma tem à disposição um parque de merendas, equipado com mesas de merendas e churrasco onde pode fazer um picnic em família ou com amigos.

Neste espaço existe uma pequena rampa, que permite o acesso ao espelho de água de embarcações de pesca e recreio.

Daqui siga em direção ao miradouro da Bouçã onde terá o primeiro contacto com a Cernache do Bonjardim e com Figueiró dos Vinhos.

Siga as marcações até ao final do troço da GRZ 33 no concelho de Pedrógão Grande e entre no troço desta GRZ já no concelho de Figueiró dos Vinhos.

